

MARIA DE FÁTIMA MATOS DA SILVA

Subsídios para o Estudo  
da Arte Castreja  
A Cultura dos Berrões:  
Ensaio de Síntese

SEPARATA DO VOLUME III DA REVISTA DE CIÊNCIAS HISTÓRICAS  
UNIVERSIDADE PORTUGALENSE INFANTE D. HENRIQUE  
PORTO 1988

## SUBSÍDIOS PARA O ESTUDO DA ARTE CASTREJA A Cultura dos Berrões: ensaio de síntese

Por  
MARIA DE FÁTIMA MATOS DA SILVA (\*)

### SOMMAIRE:

L'auteur fait un abord analítico-synthétique de la thématique de la sculpture zoomorphique des "Castros": "La Culture des Berrões".

Elle étudie ses caractéristiques plastico-estétiques ainsi que la typologie qui en est propre. La provenance, distribution géographique des éléments en question, ainsi que la chronologie, l'ethnologie, la finalité et le culte qui leur était inérent, sont aussi des aspects mis en relief par l'auteur.

Certains aspects, tels que les attributions sexuelles, l'ornementation, l'espèce, les mutilations dont elles ont été l'objet, sont aussi abordés comme sujet secondaire dans cet article.

### SUMMARY:

The author studies in an analytical and synthetical way, the zoomorphic sculptures of the "Castros", known as "The culture of the BERRÕES", dwelling on its plastical and esthetical features and pointing out the respective characteristics, provenance, geographical, distribution, ethnology, aim and worship purposes.

Certain aspects, such as decorative ones, sexual attribution, species and mutilation undergone by those sculptures are relegated to second plan in the present work.

### Considerações Iniciais

Pretende-se com este trabalho sintetizar e aclarar o que muito se tem dito, escrito e concluído sobre esta problemática "Cultura dos Berrões". Não é, pois nosso

---

(\*) Técnica Superior do Instituto de Arqueologia da Universidade Portucalense.

Agradecimentos:

— ao Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, pela cedência da Foto N.º 1 e, especialmente ao Dr. Fernando Real pelas diligências feitas nesse sentido;

— ao Museu da Sociedade Martins Sarmiento e ao Museu Abade de Baçal, Bragança, pelas facilidades concedidas para fotografar as peças aí existentes, da autoria do Dr. Joel Mata, a quem também agradeço e

— ao Dr. Augusto Moutinho Borges pela fotografia N.º 3.

propósito chegar a conclusões brilhantes e definitivas, mas sim fazer um estudo analítico-sintético sobre este interessante assunto.

No conjunto da escultura Castreja, além das figuras antropomorfas, existem as zoomorfas. Nestas, destaquem-se as esculturas de berrões do Nordeste Peninsular.

O estudo das estátuas de berrões tem sido, de certo modo, descorado em Portugal entre os Arqueólogos, talvez, devido à zona onde a sua maioria apareceu, o Nordeste Transmontano. Os custos da interioridade a perdoarem a escassa divulgação e investigação.

Outras causas mais fortes residiram na base deste "enigma dos berrões". O facto de só um deles ter sido encontrado "in situ", o grande berrão do Picote (BR 36) e, somente uns quantos, com certeza, em Castros levantou muita polémica quanto à sua proveniência, utilidade, local onde estavam colocados, enfim, toda uma série de questões a que procuraremos responder. Começemos pela primeira delas.

### O que é a Cultura dos Berrões?

"Cultura dos Berrões, é uma cultura proto-histórica peninsular caracterizada pelas estátuas zoomórficas de pedra, chamadas em Portugal berrões" (Júnior, 1975, 5). Esta é a definição num sentido lato.

Especifiquemos.

A Cultura dos berrões é, acima de tudo, uma Arte englobada na Cultura Castreja, estendendo-se pelo centro da Península Ibérica, abrangendo em Portugal, a província de Trás-os-Montes e, em Espanha, as de Zamora, Ávila e Cáceres. Plasticamente caracteriza-se pela escultura de estátuas zoomórficas de vulto redondo em pedra, sobretudo granito.

Representam porcos domésticos, javalis, touros e, em casos esporádicos, cabras. Existem-nas em tamanho natural, as maiores atingindo dois metros como a de Bragança (BR 3), as médias, na sua grande maioria, designadas por berrões. São designadas por estátuas de berrõezinhos aquelas que, não ultrapassando os cinquenta centímetros, tem em média 30 centímetros.

O berrão-porco modelo é uma escultura roliça tendo no dorso, na região mediana e em toda a extensão, uma saliência — a crista raquidiana (Foto 1), — no ventre, outra saliência indica o meato urinário ou foro peniano (Foto 7). Pernas curtas e grossas, por vezes, com indicação dos refegos (Foto 4) e linha de separação das patas, sobretudo nas traseiras. Também nas traseiras, e em alguns casos, existe uma covinha que indica o ânus e as saliências, os testículos. A cabeça, estreita na sua parte dianteira, forma um focinho circular com representação das narinas e boca. Olhos representados por dois círculos, por vezes, com a figuração das orelhas e ouvidos (Foto 2). As pernas assentam, às vezes, em pedestal, constituindo uma peça única. Alguns, têm no dorso e pescoço covinhas e lateralmente sulcos, esporadicamente uma gravura em forma de "T" ou grandes covas.

O berrãozinho (Foto 4) tem os mesmos elementos esculpidos, evidentemente em menores dimensões, não se realçando tanto os pormenores, é, digamos, mais estilizado.

O berrão-javali (Foto 7) modelo é igualmente uma escultura roliça, perfeitamente igual ao berrão-porco, diferindo deste apenas na representação de grandes dentes caninos (Foto 7) que saem lateralmente da boca, em representação curva.

O touro (Foto 6) tem os mesmos elementos esculturais, mas toda a figura é angulada, ou seja, as formas não são redondas mas formam ângulos no dorso, no focinho, etc.. As orelhas são menores e existe esculpida a cauda curva sobre o dorso, terminando em penacho. Não têm evidentemente, a representação dos refegos e os testículos existem em posição mais baixa.

A designação de urso deve-se ao corpo bastante longo e algo achatado, como o grande berrão de Bragança (BR 3), mas pouco adequadamente, parece-nos. Assim, não consideramos que exista qualquer representação de urso. O focinho pontegudo deste berrão (BR 3) é também característico dos javalis, sendo mais prolongado que nos porcos.

A única cabeça de cabra ou bode, da qual apenas existem documentos, teria hastes, e daí essa atribuição que não podemos comprovar.

### A Arte e o Escultor

Muito mais se poderia falar sobre cada tipo escultórico dissecando-o ao pormenor, mas tal não se nos apresenta como lógico uma vez que cada escultura zoomórfica, cada "berrão", é um ser único. Vejamos, apesar de todos obedecerem a certos cânones plástico-estilísticos e, por isso, formarem nos seus vários tipos o grupo escultório designado por "Cultura dos Berrões", contudo, há nesta unidade muitas dissemelhanças estilísticas, uma vez que cada escultor põe na sua obra a sua maneira de ver e sentir o real. Estas obras, de grande rudeza escultórica, não são cópias perfeitas umas das outras, há-as mais perfeitas e mais imperfeitas, há-as realistas e digamos abstractas, não obstante, nenhuma é igual, como aliás se pode verificar pela análise do quadro conjunto e dos perfis de cada escultura, o que muito dificultou a atribuição de uma ou outra zoomorfia a um tipo específico.

Não caindo em exageros de classificação plástico-estilística podemos, todavia, apontar dois tipos de esculturas e assim de escultores: aqueles que pretendem imitar o real, e assim temos obras realistas de grande perfeição na sua rudeza como, por exemplo, o "BR 45" de Cabanas de Baixo, ou então; peças estilizadas que pretendem fugir à realidade, as quais designaremos de abstractas, como o berrãozinho da Quinta de Santiago (BR 33) (Júnior, 1977). É evidente que a grande número das esculturas não se lhes pode atribuir qualquer designação deste tipo: umas, por estarem inacabadas (BR 30 e 46); e/ou, sobretudo, por serem de um arcaísmo e de uma simplicidade escultórica (o que hoje designamos por "naif"), em que até a atribuição da espécie é muito difícil, como os berrões de Duas Igrejas (BR 34) e o de Vila de Sinos N.º 1 (BR 39).

Por detrás desta diversidade, do ponto de vista estilístico, estariam várias causas

que apontaremos como hipóteses: as dificuldades de trabalho da matéria-prima, o duro granito; a raridade do material específico para trabalhar a peça, o ferro; o arcaísmo do escultor, ou seja, a sua falta evidente e justificada de preparação artístico-escultórica; a diversidade de gostos e maneiras de sentir a mesma realidade; e, quiça talvez, não pretendessem cópias do real, em alguns casos, uma vez que por detrás da escultura existe um sentimento religioso, o qual não podemos desvendar na sua íntegra. Porém, uma certeza temos, a sua análise plástico-estilística prova-nos serem obras arcaicas, rudes, simples, com evidentes exageros de formas e dimensões, prova de escultores sem preparação.

Os escultores, esses, foram vários. Apesar de, como referimos, não terem uma preparação escultórica, eram, com certeza, experientes e, travavam contactos uns com os outros, daí a uniformidade plástica destas esculturas qualquer que seja o local onde foram esculpidas podendo-se também aqui aplicar a frase, já célebre, do seu "ar de família", de resto, patente em toda a Arte Castreja.

Estas esculturas que, com ou sem peanha, constituem um todo esculpido em um só bloco de pedra, tal como as de Guerreiro Galaico de superfícies bem polidas, bem acabadas, reflectem uma técnica cuidada de escultor experiente e em contacto com outros. Não sabemos se os grupos de escultores ambulantes, comprovados nas esculturas de Guerreiros Galaicos (Almeida, 1981 e Silva, 1981-82), também aqui existiram, mas há grupos de esculturas que certamente pelas suas semelhanças foram feitas por um só artista. Dada a grande quantidade de berrões (vinte e oito) aparecidos no Castro do Monte de St.<sup>a</sup> Luzia e o facto de o berraõzinho N.º 4 (BR 13) ter ficado incompleto, com superfícies polidas de escultura acabada, e outras em que o granito apenas foi desbastado, pode-se concluir "que no Castro do Monte de Santa Luzia haveria um escultor de berrões" (Júnior, 1975, 61).

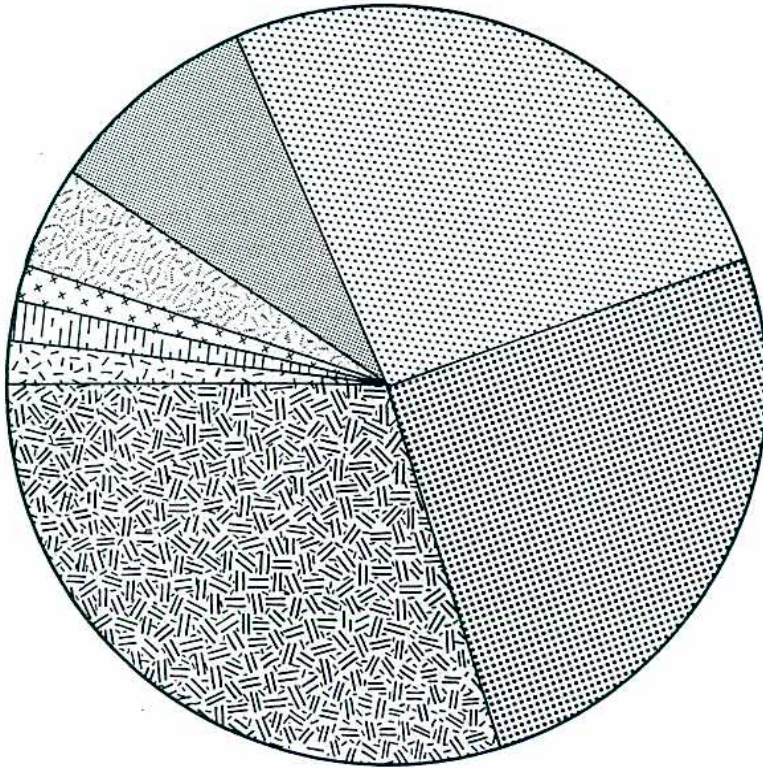
Também o Olival dos Berrões em Cabanas de Moncorvo (Foto 1), local onde apareceram dezasseis esculturas, das quais existem sete (M.N.A.E.), foi "uma oficina de estatuário" (Idem, ibidem, 120). Tal como no Castro de St.<sup>a</sup> Luzia também aqui apareceu um berraõ, mesmo no início da sua esculturação, pura pedra desbastada (BR 49).

É interessante o facto deste local encontrar-se a 1 Km a Sul do Castro de Cabeça Boa e não em um destes povoados. Os berrões deveriam ser feitos por encomenda (Idem, ibidem), daí a sua grande quantidade, quase como um depósito, e serem das esculturas mais perfeitas. A análise do granito das várias esculturas levou à conclusão de que se trata do granito de grão médio a fino, todo ele de um grande e vasto afloramento (Id., ibid., 124), provavelmente nas proximidades, em que o escultor, ou ajudantes, retirariam a matéria-prima que em seguida trabalhariam. Como se pode ver pelo Quadro I e gráfico anexos, há uma predominância de uso do granito de grão fino e médio neste tipo de esculturas (Silva<sup>2</sup>, 1987, 134).

Em Vila de Sinós, dada a quantidade de berrões daí provenientes, e certamente de outros Castros ou no seu território envolvente haveriam outros escultores.

No entanto, as dúvidas persistem. Seriam as esculturas que se deslocavam para satisfazer as "encomendas", por exemplo do Olival dos Berrões ou do Castro de Santa Luzia para os outros Castros, aliás com grandes dificuldades para os que as transportavam devido ao seu peso (algumas pesam mais de quinhentos quilos)? Seria

## MATÉRIA-PRIMA



-  Granito de grão fino - 29,5%
-  Granito - 27,3%
-  Granito de grão médio - 26,1%
-  Granito de grão grosso - 9,1%
-  Granito de grão fino a médio - 4,5%
-  Granito (?) - 1,2%
-  Mármore (?) - 1,2%
-  Talco - 1,2%

assim em todos os casos, ou existiam também escultores itinerantes ou ainda artistas esporádicos, de ocasião?

Talvez as três hipóteses sejam válidas e, quiça, se apliquem à Arte Castreja em geral.

### Tipologia

Em relação à tipologia elaboramos uma hipótese com base em elementos já referenciados quando mencionamos as características das esculturas que designamos por "Berrões". A estas características juntaram-se outras baseadas essencialmente na análise pormenorizada de cada escultura e das suas dimensões, quer em comprimento, quer em altura anterior e posterior, e ainda, no perímetro e largura anterior, central e posterior. É uma proposta de trabalho, pois poder-se-iam fazer tipologias, baseadas em outras características de que resultariam outros quadros. Nesta, a análise dos desenhos, infelizmente nem sempre com uma escala de grandeza exacta, pode não transparecer o tipo de elaboração do animal mas as dimensões <sup>(1)</sup> comparadas isso confirmam.

No que diz respeito à primeira espécie, a mais abundante, o "berrão-porco", dividimo-la em três tipos: os berrõezinhos e os berrões propriamente ditos, que designamos de "roliços" e os "delgados", também eles com subdivisões. Assim temos:

— o TIPO A referente aos berrõezinhos, designa as esculturas de pequena dimensão que não ultrapassam os 40 cm;

— o TIPO B engloba os berrões "roliços", ou seja, quando toda a escultura tem formas muito arredondadas e volumosas e que se subdividem em 1, para os berrões de grandes dimensões, a partir de 1,20 m e o 2 referente aos intermédios que vão desde os 45 cm até 1,15m;

— ao TIPO C concernem os berrões "delgados", cuja estrutura escultórica é alongada não tendo um perímetro tão volumoso. Também está subdividida em 1 e 2, igualmente para os de grande e média dimensão (os valores adoptados são os mesmos do TIPO B, que são válidos para todos os outros tipos).

O segundo tipo engloba os javalis, sem qualquer subdivisão, embora apresentemos, em pormenor, algumas cabeças (elemento essencial) os grandes caninos, para diferenciar o "berrão-porco" do "berrão-javali". É de realçar ainda o facto de que os javalis só são representados em esculturas de grandes dimensões.

O tipo touro está, também este, dividido em três, apenas por razões de grandeza. Assim, temos o TIPO A, relativo aos tourinhos, com dimensão análoga à dos berrõezinhos (40 cm); o TIPO B, dos touros intermédios e; o TIPO C para os de grandes dimensões, que se limita a um exemplar, tal como o último tipo — a cabra ou outro caprino.

---

<sup>(1)</sup> Como este trabalho não tem um carácter monográfico não apresentamos aqui as centenas de fichas descritivas de que dispomos sobre todos os "berrões", onde as dimensões se poderiam comparar ao pormenor, no entanto, no alusivo ao comprimento consulte-se o QUADRO I.

# QUADRO TIPOLOGICO

TIPOA 1	BR: 11	12	25	26	31	33	40	
1	BR: 5	7	36	38	51	74	74	81
TIPO B								
2	BR: 14	24	30	39	44	45	50	50
PORCO								
1	BR: 3	3	4	4	4	4	4	4
TIPO C								
2	BR: 34	46	46	46	46	46	46	46
BRAVA	BR: 47	48	48	48	48	48	48	48
JAVALI								
TIPO A	BR: 19	20	42	42	42	42	42	42
TIPO B	BR: 8	35	41	41	41	41	41	41
TOURO								
TIPO C	BR: 6	6	6	6	6	6	6	6
CABRA	BR: 43	43	43	43	43	43	43	43

## Espécie

Uma análise cuidada da escultura de cada berrão nem sempre permite a atribuição da espécie a que pertence.

A muitos falta-lhes a cabeça, elemento essencial para esta classificação, outros, são meros fragmentos sendo, pois muito difícil dizer-se se a estátua representa um porco, javali, touro, ou ainda, cabra ou bode.

O estudo dos padrões somáticos de cada espécie facilita-nos essa tarefa, mas não chega.

O javali, tem corpo curto em relação à grande cabeça, dentes caninos muito desenvolvidos, focinho mais pontagudo que o porco, orelhas também pontagudas e espetadas.

O porco doméstico, tem corpo três vezes maior que a cabeça, roliço, pernas curtas. A boca, nas esculturas, aparece-nos em situação baixa e prolonga-se para os lados. Contudo, também os porcos velhos podem ter caninos desenvolvidos.

O touro, mais linear, nada roliço, de cabeça pequena, pernas mais altas, representação testicular mais baixa e cauda comprida terminando em penacho, é de classificação mais fácil.

É estranho que só tenha sido encontrada uma cabeça de cabra ou bode, hoje desaparecida (BR 43), de formato quase triangular com hastes, visto esta espécie ter constituído parte importante dos rebanhos dos habitantes dos Castros transmontanos (Júnior, 1975, 148). Estrabão refere que os Lusitanos sacrificavam bodes ao deus da guerra, tendo sido encontradas várias cabrinhas de bronze no Alentejo da época luso-romana.

Partindo desta análise, dividiram-se os berrões em quatro espécies, em que o porco é largamente dominante.

Assim, temos as esculturas representantes dos porcos domésticos, as mais abundantes, e aqui incluímos também os designados berrõeszinhos, muito semelhantes às esculturas de porcos; temos os javalis que formam uma segunda espécie, com um representação exígua, somente seis exemplares, tal como a terceira espécie, o touro <sup>(2)</sup> e com um único representante, nomeie-se a cabra ou bode <sup>(3)</sup>.

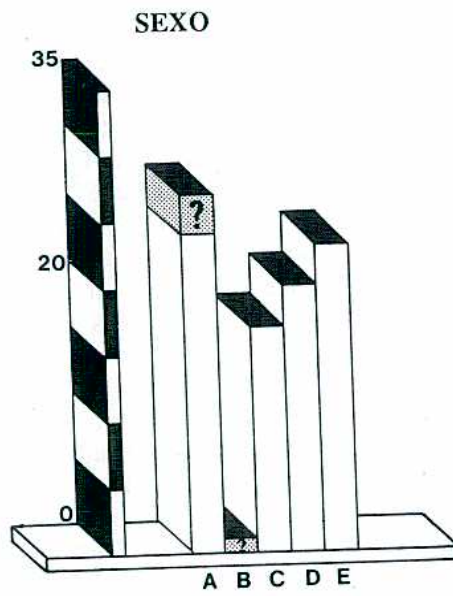
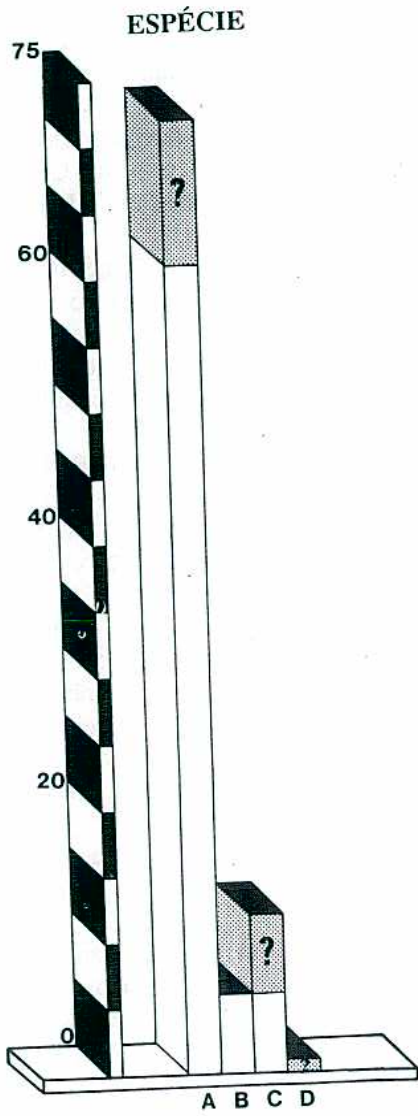
## Sexo

A atribuição sexual a cada uma destas estátuas zoomórficas é, mais uma vez, dificultada, não só pelas mutilações frequentes desta zona, mas também porque de

---


<sup>(2)</sup> Apraz aqui fazer um reparo. É comum designar-se por berrão toda e qualquer escultura zoomórfica representante da Cultura Castreja, todavia, berrão é o porco de cobrição, não sendo pois sinónimo de touro ou bovídeo, que algumas destas esculturas representam. Assim, faremos sempre esta diferenciação quando em texto nos referirmos às esculturas e à espécie que representam mas, em temas gerais, falaremos só em BERRÕES, como designação abrangente e também no quadro anexo; isto, unicamente por razões de comodidade e do seguimento numérico. Temos assim BR e o respectivo número de código e BRD quando se trata de escultura desaparecida.

<sup>(3)</sup> Para mais pormenores veja-se o Quadro, na rubrica "Espécie" e gráfico anexos.




Legenda:

- A - Porco
- B - Javali
- C - Touro
- D - Cabra

 - Casos duvidosos

Legenda:

- A - Masculino
- B - Feminino
- C - Não representado
- D - Sem parte posterior
- E - Desaparecidos

 - Casos duvidosos

alguns restam-nos somente fragmentos, a escultura ser pouca clara, ou ainda, pela inexistente representação sexual.

No entanto, algumas estátuas têm esculpidas, na traseira, uma ou duas saliências oblongas, representativas dos órgãos sexuais e, no ventre, outra saliência, interpretada por foro peniano ou meato urinário.

Santos Júnior, às representações na traseira do animal, atribui o significado de saliências testiculares, à saliência ventral, interpreta-a como foro peniano. Generalizando, admite "que todos os berrões de pedra do nordeste seriam machos" (Júnior, 1975, 144) e, como tal, testemunhos de um culto da virilidade.

Outros autores, como Leite de Vasconcelos (Vasconcelos, 1913), não perfilham esta opinião, interpretando as saliências posteriores como vulva, indicadora do sexo feminino.

Pela análise dos elementos fornecidos pelo quadro e gráfico anexos, seguindo a interpretação de Santos Júnior, podemos concluir da existência de vinte e quatro berrões com nítida representação sexual masculina.

Do sexo feminino temos, talvez, a cabra do Castro do Baldoeiro (BR 43). Como representações assexuadas temos dezassete berrões.

Por fim, as esculturas fragmentadas e/ou mutiladas nesta região, que são em número de vinte, não permitem qualquer classificação. Sobre os vinte e três desaparecidos nada podemos adiantar.

Estes porcos, ou touros, com grandes representações sexuais, patenteiam animais por castrar, de cobrição. Em Trás-os-Montes, a existência do porco de cobrição comunitário é frequente. Este é escolhido, entre os animais de melhores linhas e fisiologicamente mais bem constituído, é alimentado por todos e vive na aldeia em total comunidade. Quando atinge o limite de idade é capado (Felgueiras, 1985, 382).

É frequente o povo atribuir aos berrões a designação feminina de porcas, mesmo quando bem patentes os órgãos genitais masculinos.

Designações como Porca de Murça, Porca do Pelourinho de Bragança, Berrõzinha da Açoreira, Porca da Torre de D. Chama, "Mulher de Pedra" de Fornos, são difíceis de explicar, pois todos estes berrões são machos.

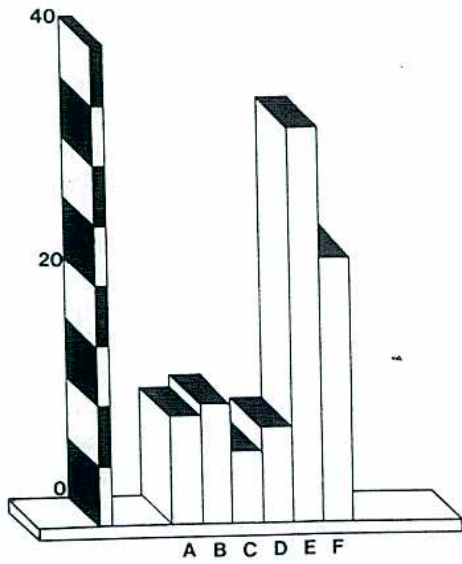
Santos Júnior aventa a hipótese de que, sendo a porca animal extremamente prolífero com ninhadas de oito a dez bacorinhos, o povo veria nestas esculturas de "porcas de pedra, a entidade mítica, não só protectora mas também prolificamente fecundante das suas porcas" (Júnior, 1975, 147), interpretação análoga à que, em tempos proto-históricos, lhe dariam os Castrejos.

Mas, esta atribuição feminina pode dever-se unicamente a uma interpretação escultórica. Muitos dos berrões apresentam, entre os testículos, a goteira intertesticular, considerada por outros, como vulva, como no ex-líbris de Murça (BR 80). Será esta a interpretação correcta?

### Berrões Íntegros e Mutilados

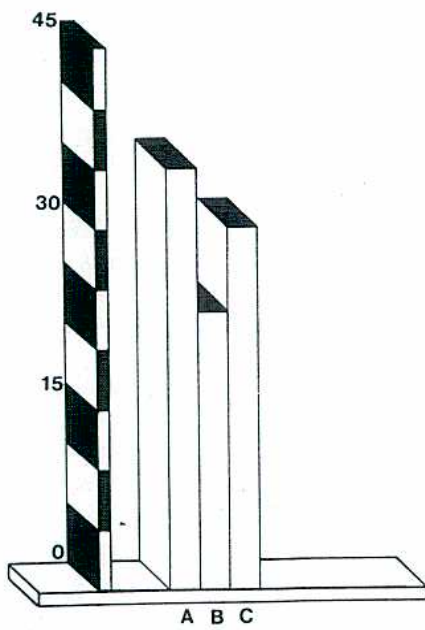
Tal como as estátuas de Guerreiros Galaicos, também as zoomórficas de Berrões têm frequentes mutilações na cabeça. Mais do que as estátuas antropomórficas, as

### CONSERVAÇÃO



- Legenda:
- A - Íntegros
  - B - Sem cabeça (X)
  - C - Sem pernas e peanha (XX)
  - D - Só cabeça ou parte (XXX)
  - E - Mutilações várias (XXXX)
  - F - Desaparecidos (inclusivé BR 43)

### PARADEIRO ACTUAL



- Legenda:
- A - Museu
  - B - Desaparecido
  - C - Outro

zoomórficas foram de tal modo mutiladas que, em muitos casos, não passam de fragmentos. Ainda como nos Guerreiros, a muitos dos berrões falta-lhes o pedestal, a peanha, e com ela parte ou a totalidade das pernas. Outra região frequentemente mutilada são os órgãos sexuais.

Também para estas mutilações se têm procurado explicações de ordem simbólica, um “significado especial” (Júnior, 1975, 146). Parece-nos que, pelo menos na maioria dos casos, não existe um “significado especial”, sendo as mutilações causadas pelas mesmas razões das dos Guerreiros Galaicos. O tamanho, a matéria-prima utilizada no seu fabrico, o granito duro mas frágil e, sobretudo, a maior fragilidade desta zonas, o pescoço, as patas, as saliências testiculares, facilmente esmurradas. Existem, contudo, outras razões, como as possíveis escaramuças ou guerras de que os Castros seriam palco, a grande inconsciência dos achadores, a procura de tesouros escondidos. No caso das mutilações das proeminências testiculares, existem notícias de que os moradores de certos locais as mutilaram já contemporaneamente, por as considerarem um atentado ao pudor.

Apesar de por eles terem passado tantas centenas de anos, existem alguns berrões que se podem considerar íntegros ou inteiros, pois conservam a sua integridade somática, com ou sem a peanha.

Evidentemente que existem berrões com mutilações muito ligeiras, não obstante, não podem ser considerados íntegros, como o berrão de Faílde (BR 5). São pois uma minoria em relação à enorme quantidade de berrões mutilados (ver Quadro e gráfico anexos).

Dentro dos mutilados, realcem-se os decapitados de que só nos resta a escultura do corpo ou somente as cabeças, degoladas do corpo, sendo em número de seis (\*), como os casos de Sabroso e Mazouco (BR 9) (Júnior, 1981 B).

### “Decoração”

A decoração arquitectónica e a dos Guerreiros Galaicos, aliás bem patente, não oferece margens para dúvidas, quer tenham, ou não, características simbólico-religiosas. Decorativa, é-o com certeza.

Nas estátuas zoomórficas dos berrões as certezas são menores. Muitas delas têm insculpturas do tipo covinha ou “fossette”, sulcos na diagonal, alguns formando “T”, covas com certa profundidade e diâmetro, e ainda, uma representação ofiolátrica.

Qual seria a finalidade destas gravuras? Decorativa? Simbólico-religiosa, de fundo cultural? Utilitária?.

---

(\*) No quadro anexo, referindo-nos à Conservação fazemos várias distinções que apráz esclarecer, assim temos:

X — indica o berrão sem cabeça ou parte dela (focinho);

XX — relativo ao berrão sem pernas ou parte delas e claro sem a peanha, caso a tenha tido;

XXX — berrão do qual somente nos resta a cabeça ou parte dela e, por último;

XXXX — o berrão com grande quantidade de mutilações, em várias partes do corpo.

## A — Sulcos

Os sulcos diagonais são frequentes no corpo dos berrões pequenos, como o do Castro de Santa Luzia — Freixo de Espada-à-Cinta (BR 14) ou, os de dimensão máxima, como o berrão do Pelourinho de Bragança (BR 3); nos javalis, no caso, na cabeça do de Cabanas de Baixo — Moncorvo (BR 48) com vinte sulcos dispostos em volta do olho esquerdo sem qualquer organização; por fim, nos touros, em que os sulcos também têm a sua representação, como por exemplo, no de Ligares (BR 8).

Na quase totalidade dos casos, os sulcos dispõem-se sem qualquer organização espacial, mas predominantemente nas zonas laterais dos berrões, raras vezes na cabeça, traseira ou dorso.

A sua finalidade não é aparente nem óbvia.

Se alguns são feitos posteriormente, fruto de vã acção vandálica, outros, terão algum significado, quer artístico-decorativo, quer como representação simbólico-religiosa, quer ainda com uma finalidade utilitária, devido ao aproveitamento do seu corpo pétreo para o aguço de ferramentas ou outros instrumentos.

O berrão de Bragança tem, ao longo do corpo, vinte sulcos lineares, mais largos e profundos na parte média, profundidade e largura que diminuí para as extremidades suavemente como nos outros. Santos Júnior diz serem “perfeitamente idênticos aos polissoirs neolíticos” (Júnior, 1975, 32), ou seja, sulcos resultantes do aguço de instrumentos terminados em ponta. Os vinte sulcos encontram-se gravados no dorso e, sobretudo em redor da cova aí existente.

Por vezes, cruzam-se formando um “T”, em alguns casos, não intencionalmente, como no touro de Ligares (BR 8), outras vezes, são insculpturas elaboradas de “T”, como no berrão de Fornos (BR 7), gravado sobre a espádua direita.

Desconhecemos a interpretação desta figura que também aparece numa padieira com rosáceas e tetrásceles da Citânia de Briteiros (Silva<sup>2</sup>, 1986, 45).

Existem 23 berrões com sulcos e 4 com “T” (ver Quadro e gráficos anexos).

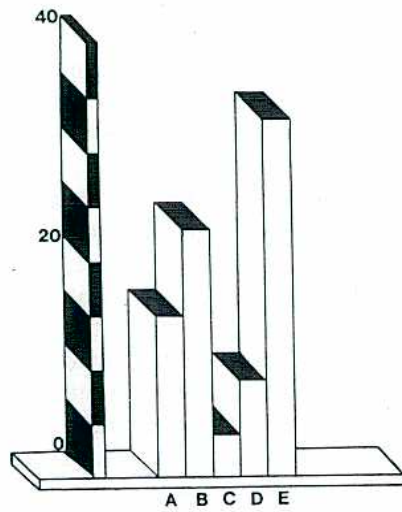
## B — Covas

Tal como a “porca de Pelourinho” de Bragança, que tem três covas (cabeça, dorso e lateral esquerda), também o berrão de Murça tem uma cova (Foto 7) como estas, de grandes dimensões no ventre, à esquerda. Ainda os berrões N.º 17 e 20 do Cabeço da Coraceira-Castro de St.<sup>a</sup> Luzia (BR 26 e 29) têm covas, mas de menores dimensões.

José Leite de Vasconcelos (Vasconcelos, 1913) e José Ramon y Fernandez (Fernandez, 1959, 118) consideram estas covas como acidentais.

Visto que as covas dorsal e lateral do berrão de Bragança (BR 3) têm comunicação entre si, Santos Júnior pensa que a primeira serviria como uma espécie de fúnil onde se lançaria qualquer líquido (Júnior, 1975, 33). Considera ainda que poderiam ter servido para medidas de cereais, ou outros, para pagamento do foro. Esta hipótese parece-nos pouco provável, dada a disposição da cova ventral do berrão de Murça (BR 80), ou mesmo das de Bragança.

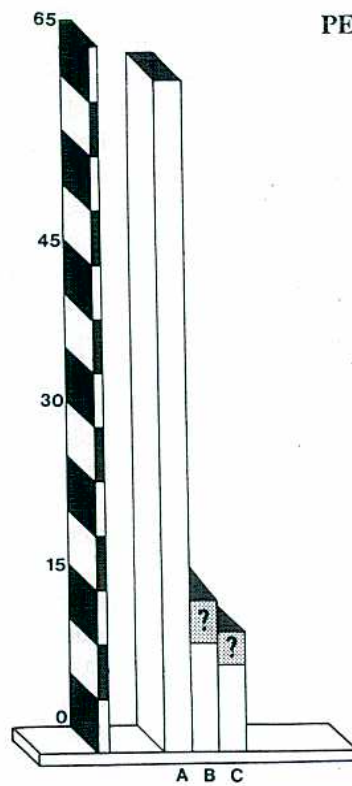
## "DECORAÇÃO"



Legenda:

- A - Cóvinhas
- B - Sulcos
- C - Gravura em "T"
- D - Outras
- E - Berrões "decorados"

## PEANHA



Legenda:

- A - Impossível saber-se
- B - Com peanha
- C - Sem peanha
- ☐? - Casos duvidosos

Não serão antes perfurações feitas em procura dos tesouros lendários?

Se assim fossem, poder-se-ia afirmar que, pelo menos no caso da estátua de Bragança, os sulcos são posteriores à feitura da mesma visto estes se disporem em torno da cova dorsal e, assim, nada teriam de simbólico.

#### C — Covinhas ou "Fossettes"

As covinhas são o motivo mais frequente nas Gravuras Rupestres e de cronologia mais extensa, como o confirma a sua utilização, também frequente no corpo das escultura de berrões. Tal como os outros motivos, desconhecemos qual a sua função, embora as hipóteses se limitem neste caso a decorativa e/ou cultural.

Da mesma forma que os sulcos, as "fossettes" são de tamanho variável e não parecem ter qualquer preocupação na sua organização espacial, tal como na maioria das rochas insculptadas, contribuindo, assim, para limitar as hipóteses da função decorativa.

O seu número é também extremamente variável, indo desde a unidade do berrão do Coelho (BR 4), ou do touro de Ligares (BR 8), até ao máximo de quatorze do berrão de Castelo Mendo N.º 1 (BR 76), (Foto 3), tendo o seu congénere doze (BR 77).

A nível de disposição no corpo do berrão, aí sim, há uma organização espacial. Enquanto os sulcos dispõem-se, maioritariamente, nas partes inclinadas, laterais do berrão; as covinhas situam-se, no geral, no dorso, pescoço, e, por vezes, cabeça. Com algumas excepções, como o berrão de Fornos que as têm lateralmente e até no ventre (BR 7).

José Leite de Vasconcelos, citando Riveth-Carnac, pensa duvidosamente que as covinhas já existiriam nas pedras em que se fizeram as esculturas (Vasconcelos, 1913, 34). A nosso ver, esta hipótese não tem qualquer razão de ser, pois o trabalho da pedra, a fim de lhe dar o formato desejado, com certeza as faria desaparecer.

Existem quinze berrões com covinhas, possivelmente com uma finalidade simbólico-religiosa que desconhecemos.

É frequente a coexistência de dois, ou mais, deste motivos. Por exemplo, no Touro de Ligares (Freixo de Espada-à-Cinta), existe um sulco, uma covinha e um "T" (ver Quadro e gráficos anexos).

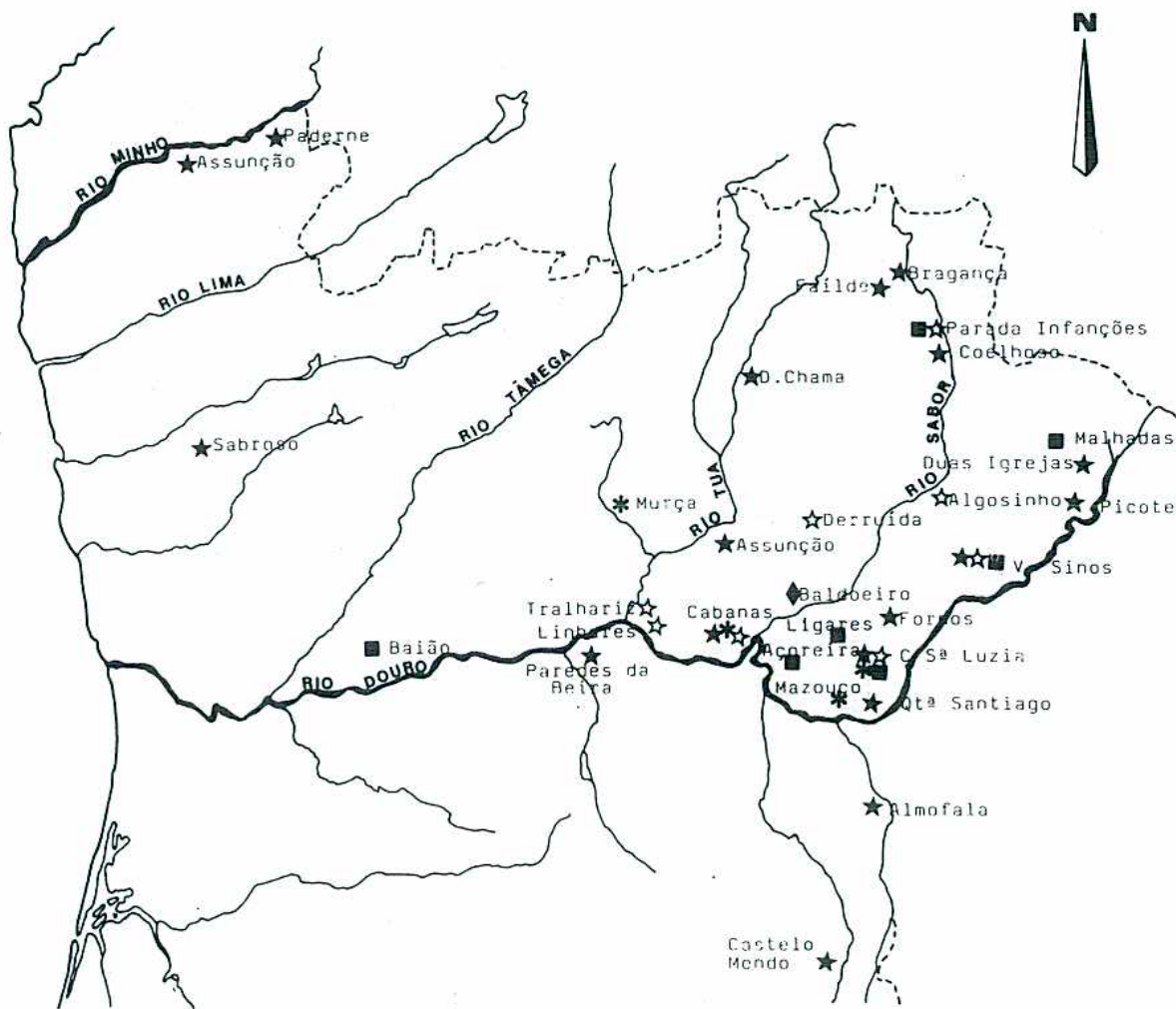
#### D — Ofídeo

As representações ofiolátricas, também frequentes nas gravuras rupestres e até em esculturas, têm também nos berrões a sua marca, que se limita a um exemplar.

O berrão de Castelo Mendo N.º 2, além de covinhas, tem horizontalmente sobre o dorso e atravessando a crista raquidiana um sulco que termina em cova oblonga e ponteguda — a cabeça do ofídeo (BR 77).

O culto ofiolátrico encontra-se bem representado na Cultura Castreja, tendo aqui uma possível associação deste com o culto porcino, também zoolátrico.

## DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DAS ESCULTURAS DE BERRÕES



- ★ Porco
- ☆ Porco desaparecido
- \* Javali
- Touro
- ◆ Cabra

0 40 Km

## Distribuição Geográfica

A zona da Cultura dos Berrões estende-se do Romano *Conventus Asturicense* pelo centro da Península Ibérica, abrangendo a nossa província de Trás-os-Montes e as espanholas de Zamora, Salamanca, Ávila e Cáceres.

Esta zona central peninsular é limitada: a Sul, pelo Rio Guadiana, a Serra de Guadarrama, Tavera de la Reina e Alcoba, na Mancha "com um ramificação por Évora e Beja e, talvez, até Alcácer do Sal" (Júnior, 1975, 8); a Leste, também pela Serra de Guadarrama e uma linha que segue por Ávila, Segóvia e Sória até à Biscaia; a Norte, seguindo a linha da Biscaia até Leão, pela fronteira do Norte de Portugal até Chaves; por fim, a Oeste, o Marão, embora existam casos esporádicos que ultrapassam estas "barreiras", nomeadamente, Sabroso e Baião. Na parte espanhola, estende-se por terras da Estremadura, Castela-a-Velha e Leão, mais a Norte até Durango na Biscaia, onde apareceu o ídolo de Mi-queldi.

Segundo a divisão administrativa Romana, ocuparia o *Conventus Asturicense* com sede em *Asturica Augusta*, que engloba a quase totalidade dos berrões e que, penetram ainda na zona do Convento de Bracara Augusta (*Conventus Bracaraugustanus*), evidentemente para o caso português.

Dada a grande quantidade de berrões encontrados no Nordeste Transmontano, especialmente no distrito de Bragança, esta pode, talvez, considerar-se como o centro onde esta cultura nasceu, floresceu e, dali irradiou (Júnior, 1975, 13).

Desta zona castreja transmontana, a Cultura dos Berrões terá, porventura, expandido para terras de Espanha tomando aí a designação de "verracos".

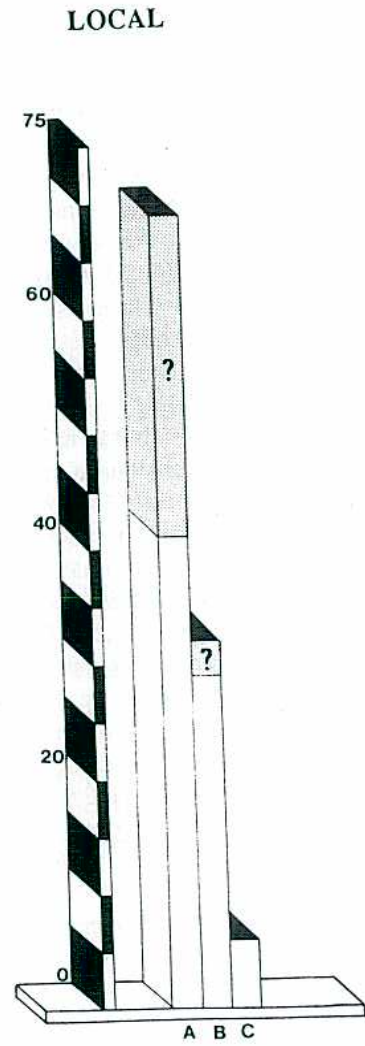
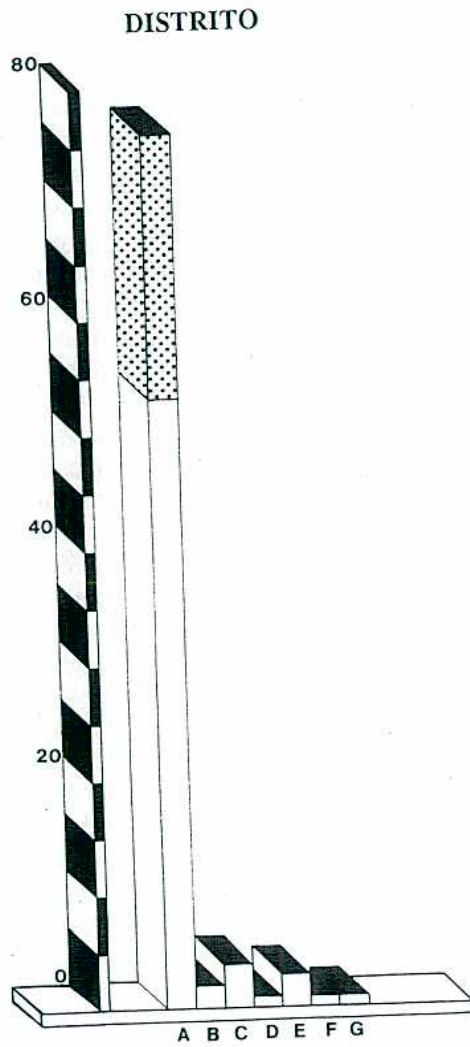
Na sua expansão para Leste, por terras de Zamora, Salamanca (onde há notícias de dezanove) e Cáceres, os porcos vão rareando, predominando os "toros" como os de Guisando. Na expansão pela Galiza temos os exemplares de Viana del Bollo (Orense) e também de Orense, os de Castelo del Valle, Florderrey com dois exemplares, Bembibre e Santa Tecla, atingindo cerca de duzentos no Nordeste Espanhol.

Nem todos os Arqueólogos comungam a opinião de Santos Júnior, nomeadamente os espanhóis como Lopez Cuevillas (Cuevillas, 1980, 444) que consideram não a zona de Bragança, mas o Castro de las Cogotas como povoado típico e central da Cultura dos Berrões que, dali se expandiu.

Alain Tranoy não é tão limitativo, mas também aponta a origem espanhola das esculturas de berrões. Refere que este tipo de escultura vem directamente da Cultura da Meseta e que se difundiu em todo o Sul da "Asturia-Callaecia", sendo assim uma prova do contacto entre estes povos e os de Trás-os-Montes que, como zona mais aberta e permeável às influências exteriores, receberam, assim, esta cultura dos "verracos" da Meseta, local onde a cultura celta estava fortemente implantada (Tranoy, 1981, 105 e 122).

Do que não se pode duvidar é que o Nordeste Transmontano, e muito especialmente o actual distrito de Bragança, é a zona de maior concentração de berrões da área Castreja Peninsular, sendo o mais importante núcleo deste remoto culto zoolátrico.

# PROVENIÊNCIA



Legenda:

- A - Bragança
- B - Braga
- C - Guarda
- D - Porto
- E - Viana do Castelo
- F - Vila Real
- G - Viseu
- ▤ - "Berrões" desaparecidos

Legenda:

- A - Castro
- B - Outra
- C - Desconhecida
- ▤ - Casos duvidosos

Estão comprovados no Nordeste Transmontano 54 berrões a que acrescem 23 desaparecidos, distribuídos 53 pelo distrito de Bragança e um no de Vila Real.

Dividido Trás-os-Montes em duas regiões, temos: o Entre-Sabor e Douro e; o Entre-Sabor e Tua. Na primeira, temos um total de 37 e, na segunda, de 15. Há ainda a considerar a região do Além-Tua, ou seja, entre Tua e Tâmega com o berrão de Murça e os casos esporádicos de Além-Tâmega: os dois de Sabroso, o da Cividade de Paderne e, os prováveis do Castro da Assunção, Barbeita, ainda inéditos<sup>(\*)</sup>. Além-Douro, na margem Sul deste rio, temos cinco exemplares (ver Mapa anexo).

Ponto de grande importância na distribuição dos berrões é, sem dúvida, a sua proveniência.

A proveniência destas belas estátuas zoomórficas tem sido muito discutida, visto só uma delas ter sido encontrada "in situ", o grande berrão do Picote (BR 36), num monumento, provavelmente dedicado ao seu culto.

No entanto, 56 (incluindo 25, dos quais temos dúvidas) dos 77 berrões do Nordeste Transmontano foram encontrados em Castros, ou nas suas proximidades. A este número acrescentem-se os "esporádicos", todos eles encontrados, ou relacionados com estruturas castrejas, como os do Castro da S.<sup>a</sup> da Assunção, Paderne, ou, Sabroso, entre outros.

Uma quantidade tão elevada não é pura coincidência, podendo afirmar-se que a Cultura dos Berrões é de origem Castreja (Júnior, 1975, 148).

Se comparar-mos a distribuição das peças por distritos temos um total de seis distritos com apenas doze berrões, número irrelevante se comparado com o do distrito de Bragança que, só por si, prova da importância desta Cultura Castreja de berrões no Nordeste Transmontano, núcleo donde se expandiu, pelo menos no que diz respeito à área Castreja Portuguesa.

No referente aos designados berrões "esporádicos" várias hipóteses se podem pôr: são fruto de trocas artístico-culturais, como as haveria comerciais entre as várias zonas e, assim, a ideia levada e a escultura feita no local, ou então oferecida, ou trocada comercialmente; pode também ser uma influência directa vinda do exterior que teve mais impacto num local que noutra, como na zona de Trás-os-Montes, pela importância que o porco aí teria; outra hipótese a colocar é a de serem trazidos como troféus ("pedras-troféus") de lutas tribais, que as várias cabeças confirmariam, ou até de fugas de povos das tribos que os esculpam para o Noroeste.

### Finalidade da Estatuária de Berrões

Ao analisar-mos as estátuas zoomórficas de berrões, facilmente nos ocorre a pergunta: para que serviriam?

---

(\*) Estes dois prováveis berrões foram encontrados no Castro da Assunção, Barbeita, Monção. O BR? 88, provável cabeça, é espólio encontrado nas escavações de Agosto de 1986, no sector junto à muralha, a Sudeste do Castro. O BR? 87 é um fragmento da barriga.

Agradece-se a informação ao Dr. Maia Marques.

Numa época em que a luta pela subsistência era o principal “leitemotiv”, numa época em que a agricultura sedentária dava os primeiros passos, se construíam as primeiras casas de pedra, em que a subsistência era ameaçada, quer pela falta de alimentos, quer pelas constantes lutas entre as diversas tribos e clãs, apanágio destes povos beligerantes por natureza, estas estátuas, forçosamente teriam um significado, uma finalidade muito importante.

Se assim não fosse, como explicar a majestade e a grandeza de grande parte delas, ou, as delicadas miniaturas, fruto de longas horas de trabalho, quer na busca do pesado granito, quer no talhe deste até à perfeição possível com objectos metálicos de tão difícil “aquisição”, quando o ferro estava a ser introduzido (s.v. Silva<sup>2</sup> 1987, 133-136).

Enfim, para quê tal dispêndio de tempo e forças de tal maneira preciosas, ontem como hoje, na elaboração destas rudes estátuas.

Fruto do querer de um povo?

Seria o gosto pela arte? Demarcações territoriais, de caminhos? Estátuas sepulcrais, como uns defendem? Ou antes, e mais provavelmente, uma força transcendental que os empurrava para a elaboração das estátuas, personificações dos seus deuses, motivo das suas preces, da sua adoração, amparo das suas aflições?

Desde o séc. XVII, até aos nossos dias, muitas explicações se deram. No entanto, apartir de fins do séc. XIX, as interpretações sucedem-se. Façamos uma resenha histórica.

Começemos por dois autores com ideias semelhantes, contudo, aplicadas a fins diversos.

Aureliano Fernandes Guerra diz: “os becerros, cerdos, etc. eram deuses términi” (Guerra, 1862, 31). Eram pois, semelhantes aos “terminus angustalis” romanos, marcas limites de territórios, no caso, entre as diversas tribos.

Vicente Paredes y Guillén defende, tal como o anterior, que os berrões eram marcos mas, neste caso, estavam à margem dos caminhos guiando pastores e seus gados quando no Inverno procuravam regiões quentes (Guillén, 1888, 164).

Os irmãos Siret, sem tomarem uma posição definida, questionam-se se estão em face de “figures des idolles” ou fantasias, meras esculturas feitas unicamente por prazer artístico (Siret, s/d., 124).

Emilio Hübner abre novos caminhos para a interpretação dos berrões. Chama a atenção para o facto de alguns berrões terem inscrições latinas funerárias, como tal, seriam esculturas sepulcrais (Hübner, 1863, 341-343; 1888, 254-256). Mas nem todos, “Alguns dos quadrúpedes eram votivos”. Opinião ainda hoje defendida e, muito provavelmente, correcta.

Outros autores foram na esteira de Hübner, são os casos de Pierre Paris (Paris, 1903, 59-60), J. Leite de Vasconcelos e de Gomez Moreno, considerando este último “que pelo menos alguns (...) têm significado funerário” (Moreno, 1904, 147).

Martins Sarmiento lança nova luz. Nem todos os berrões seriam “ornamentais”, deviam “ser ídolos” pertencentes a um “porcine cultus” de povos pré-romanos (Sarmiento, 1878 apud 1933, 30). Também o padre César Moran lhes atribuí um significado religioso (Moran, 1942, 249).

José Leite de Vasconcelos marca pontos a favor da tese funerária. Contesta a ideia de marcos territoriais, ou de caminhos, pelo facto de alguns terem inscrições funerárias, e por muitos terem sido encontrados em grupos, como os de Guizando e Torralva, Castro do Monte de Santa Luzia, Cabanas de Baixo em Moncorvo, entre outros. As pequenas dimensões de alguns não favorecem esta tese.

Contesta ainda a tese de pura distração artística, quer pela grande quantidade de berrões existentes, quer pela sua distribuição geográfica (Vasconcelos, 1913, 37).

Este autor, partindo de uma linha condutora ligando os berrões ao culto dos mortos, atribuí-lhes várias finalidades conforme o local, a situação, a dimensão dos berrões.

Nos sepulcros, seriam “divindades tutelares e guardas dos túmulos” (Vasconcelos, 1896, 284).

Anos mais tarde, e concordando com Hübner, atribuí ao berrãozinho da Açoreira (BR 42), de pequenas dimensões, um carácter votivo, ou então, estatueta para sepulcro de criança (Vasconcelos, 1913, 38).

Relacionando-se ainda com o carácter sagrado e culto dos mortos, a que se ligariam os berrões, apresenta-nos outra faceta. O facto de existirem nomes próprios como Taurus e Ursus gravados nas estátuas zoomórficas sepulcrais, relaciona-se “com ideias de totemismo”, representando “o totem do morto” (Vasconcelos, 1913, 40 e 441).

Mas, já no início do século, José L. de Vasconcelos havia lançado hipóteses, actualmente aceites como as mais prováveis. No caso particular do conjunto de berrões encontrados em Cabanas — Moncorvo, vacila entre pertencerem a um cemitério ali existente, ou serem espólio resultante de em tempos proto-históricos aí ter existido “uma oficina”, local destinado à escultura destas estátuas (Vasconcelos, 1913, 40).

No geral, falando dos berrões de Baião (BR 78) e Arados <sup>(6)</sup> afirma: “É mais que provável que estejamos deante de uma divindade tutelar do castro” (Vasconcelos, 1905, 288).

---

<sup>(6)</sup> Temos outra opinião no que concerne a esta e outras esculturas, não as considerando berrões na acepção que os temos vindo a designar, pois não figuram qualquer das espécies englobadas nesta designação (porco, javali, touro e, com ressalvas, cabra), ou porque pertencem a outra época que não a Castreja. Assim, a escultura zoomórfica do Castro de Santiago de Arados, Marco de Canaveses (M.N.A.E.), que representa a cabeça de um animal de espécie indefinida, de grande dimensões (1,19m de comprimento), não é por nós considerado berrão, como o foi por Leite de Vasconcelos (Vasconcelos, 1905, 287-288). Excluimos também deste trabalho as zoomorfias de Mairos, Chaves, dada a sua proveniência duvidosa e serem, em parte, baixo-relevos e não esculturas integrais e representarem uma raposa e um lobo (Júnior, 1975). A nós, parecem-nos mais figuras de répteis com ligeiras semelhanças na cabeça, com a escultura de cabeça de lagarto ou cobra de Monte do Prado, Melgaço (Marques, 1986, 342-343). Ainda a escultura de porco (?) do Santuário Endovélico de Terena (Júnior, 1975, 140), S. Miguel da Mota, Alandroal, Évora, por ser de origem Romana e não ter nenhuma semelhança plástico-estilística com os “nossos” berrões.

Duvidosamente não englobámos também o “berrão” de Gemeses, Esposende (Neiva-Coutinho, 1982, 51 a 61). Embora seja a figura nítida de um tourinho, nada nos indica a sua origem Castreja, também não tem semelhanças plástico-estilísticas com as esculturas aqui tratadas, devendo ser, talvez, um elemento decorativo de alguma igreja Românica.

Referindo-se às várias cabeças de berrão decepadas, nomeadamente à de Paderne (BR 79) e à de Sabroso (BR 1), considera-as “ídolos defensores da casa” com carácter protector, mágico, auxiliar da família, do lar (Vasconcelos, 1933, 39).

Concluindo, J. L. Vasconcelos considera os berrões como divindades protectoras do Castro e do lar, com ligação ao culto os mortos.

Francisco Manuel Alves, Abade de Baçal, segue genericamente as ideias de L. Vasconcelos. Em face do enorme auxílio que o porco, tal como hoje, prestaria a essas populações dos Castros, quer na alimentação, vestuário, ou mesmo fazendo-lhes companhia, teriam sido transformados em ídolos aos quais se prestava culto. Afirma: “são ídolos, restos de um culto totémico vigente outrora” (Alves, 1934, 553). Decerto, devido ao touro de Malhadas (BR 35) e aos de Vila de Sinos (BR 39 e 41) terem aparecido próximo de sepulturas seriam “votos consagrados aos mortos, (...) às divindades funerárias” (Alves, 1938, 766). A ideia é a mesma, divindades ligadas ao culto dos mortos, tese que Adriano Vasco Rodrigues (1), descobridor dos berrões de Castelo Mendo e Almofala (Rodrigues, 1958, 393-396) também defende, visto muitas das esculturas estarem “localizadas no caminho que vai das portas do castro à necrópole” (Rodrigues, 1961, 392).

Novos autores, novas ideias.

José de Pinho, em face da vincada representação sexual de alguns berrões como o de Murça (BR 80), o de Picote (BR 36) e muitos outros diz: “a ideia fálica que na Lusitânia a eles se ligava, está bem patente” (Pinho, 1934). Também J. Ramon Fernandez Oxea, falando do berrão de El Troconal, entre Cáceres e Toledo, refere o culto fálico dos berrões do nordeste (Oxea, 1950, 60). Culto que ainda hoje perdura, nomeadamente em Trás-os-Montes.

O referido padre C. Moran, aprofunda o sentido religioso dos berrões. Assim, estes seriam “divindade ganaderas, protectoras dos rebanhos” (Moran, 1934, 257).

O grande estudioso da Cultura dos Berrões, em várias publicações tem dado o seu parecer.

Vejamos Santos Júnior.

As grandes estátuas, com cerca de dois metros de comprimento como as de Murça, do pelourinho de Bragança (BR 3), ou a do Picote, “seriam venerados em monumentos” como o do Picote (BR 36). Monumento esse em forma de palmatória, tal como o de “algures na Galiza”, que veremos, estando ao centro do recinto circular “o animal considerado um ídolo” (Júnior, 1985, 38). O monumento seria um templo em que se prestaria culto ao porco divinizado “em cerimónias rituais com deposição de oferendas” (Júnior, 1975, 165).

Os berrõezinhos seriam estatuetas votivas, “ídolos, réplicas do deus tutelar para ter em casa como entidade venerável, de mágico poder protector, talvez extensivo às pessoas, às casas e a todos os seus haveres, consequentemente também aos seus gados” (Júnior, 1985, 39).

Concluindo: “Grandes ou pequenos os berrões de pedra seriam divindades

---

(1) A quem agradeço a amabilidade das informações prestadas.

protectoras a quem se prestaria culto" (Júnior, 1975, 155). Este autor considera ainda certas cabeças, tal como a de Sabroso (BR 1), à semelhança das de guerreiros, como cabeças troféus (Júnior, 1978 A).

Alain Tranoy, na sua obra "La Galice Romaine", sintetizando o que se tem dito sobre esta Cultura, apresenta como função, mesmo que problemática, a de protecção dos rebanhos aliada à de símbolos de força vital relacionado com práticas funerárias (Tranoy, 1981, 119).

Este culto zoolátrico é também apoiado pelo arqueólogo norte americano Barry Fell, que o estende aos animais desenhados ou insculpidos das gravuras e pinturas rupestres (Fell, 1982, 144).

O culto porcino e o carácter protector deste animal sobre os gados é ainda defendido por Guilherme Felgueiras (Felgueiras, 1985, 64) e por J. L. Teixeira Fernandes mas, ressalva que, "ora seriam votivos, ora estariam ligados ao culto dos mortos" (Fernandes, 1985, 117).

Finalizando, Armando Coelho sintetiza brilhantemente todo este desfile de interpretações que ao longo dos anos têm sido apresentadas. Os berrões, tal como os guerreiros galaicos, teriam "idêntica função tutelar", assim como, função protectora dos rebanhos explicada "no quadro de uma economia com assinalado componente pastoril e pecuário" geograficamente favorecida na região interna continental "a sugerir, neste caso, um enquadramento religioso no âmbito da terceira função relacionada com a fecundidade" (Silva, 1983, 146). Na sua tese, adianta que o culto da fertilidade estará relacionado com o dos antepassados e que o seu aparecimento em conjunto, como no Castro de St.<sup>a</sup> Luzia, deve-se a serem "ex-votos a uma divindade tutelar da actividade pecuária" (Silva, 1986, 299).

### Proveniência de alguns Berrões em contexto Arqueológico

O facto de a grande maioria dos berrões terem sido encontrados fora de qualquer contexto arqueológico, se bem que muitos aparecidos em Castros, mas à superfície, tem levantado vários problemas.

O aparecimento "in situ" do Berrão do Picote, e outros berrões relacionados com estruturas e espólio, permitiu alicerçar e trazer luz sobre certas ideias como a Cultura a que pertencem, a Castreja, atribuir-lhes uma cronologia, mesmo que relativa, e, elucidar-nos sobre a sua utilidade, o seu significado.

Na vertente Noroeste do Castro do Castelar (Picote, Miranda do Douro), a 26 de Abril de 1952 encontrou-se o designado Berrão do Picote, exemplar de grande porte (1,44m), em recinto em forma de palmatória, escavado entre Junho e Setembro de 1952 e Setembro de 1953.

O berrão estava em posição Sudeste-Noroeste, cabeça para Sudeste e para o corredor, a 35 ou 40cm de profundidade. O monumento, em forma de palmatória, com um recinto circular (2,50m de diâmetro) onde estava o berrão com 8 ou 9m de comprimento e 1,50 de largura, tendo uma espécie de porta a 5,50m da entrada, da dita câmara circular.

A escavação forneceu espólio muito variado, nomeadamente: vidro; um pequeno bronze de Constâncio II, ainda em bronze temos: parte de agulha, fíbula e pinça; de barro: cerâmica feita à mão e à roda, e um cossoiro. Apareceu também carvão vegetal. Além do molar de boi (?), encontraram-se inúmeros fragmentos de ossos de boi, carneiro, porco e coelho, por ordem decrescente de quantidade.

O grande berrão, formando um todo com a peanha, do sexo masculino (grandes saliências testiculares nas traseiras), representa “um porco doméstico, como o atestam os refegos...” (Júnior, 1984, 690).

Em face das estruturas que acompanham este berrão e do espólio, Santos Júnior, conclui que este era um ídolo com monumento próprio, onde se faziam cerimónias rituais com oferendas de comidas, comprovado não só pelos restos osteológicos, mas também pelos fragmentos de vasos altos, para líquidos, e baixos, semelhantes a pratos (Júnior, 1975, 89-90).

Apesar de não ter sido feita uma leitura estratigráfica, e o espólio não facilitar uma cronologia mais exacta, pois ao lado do espólio castrejo temos outro romano, permitimo-nos lançar duas hipóteses: ou este material é fruto de remeximento, devido ao berrão ter sido retirado do local antes da escavação; ou houve uma reutilização em tempos romanos. Se tudo isto não permitiu uma cronologia absoluta, a relativa é possível, apontando-nos com certeza para a época Proto-Histórica e para a Cultura Castreja a construção do monumento, que as estruturas e o contexto arqueológico comprovam.

Este achado, “in situ”, é muito importante, não só por nos dar uma cronologia relativa, mas porque nos ilumina quando ao tipo de monumento dedicado ao Culto dos Berrões, à zoolatria porcina. Infelizmente, este monumento único foi destruído pelo dono do terreno, pouco depois da escavação (Júnior, 1975).

Poucos anos mais tarde, em 1957, mas só dado a conhecer em 1981, apareceu na Corunha um novo berrão, também “in situ”, e novamente inserido em monumento a ele dedicado.

Este grande berrão, com 2m de comprimento, estava colocado ao centro de um recinto semi-circular, em cima de “pedestal de pedras sobrepostas, que seria o pódio” (Júnior, 1981, 162).

Como foi encontrado em dia de tempestade, que o pôs a descoberto, pode ser que o resto do monumento desaparecido se tenha desmoronado nessa altura. O facto de as paredes e a própria estátua terem vestígios de fogo, segundo Santos Júnior, não é relevante, pois podem ser de “fogueiras recentes” (Júnior, 1981, 164). O seu descobridor, Frei António Monteiro, no entanto, pensa que ali haveriam práticas rituais ao berrão em que se queimavam coisas. Hipótese que não pode ser posta de lado.

Frei António afirma que o berrão tinha “una bolsa testicular muy avultada con un pene descomunal”. É muito frequente a exuberância dos órgãos sexuais nos berrões, o que confirma uma das facetas do culto dos berrões, a relacionada com a fecundidade. Berrão, é ainda, em Trás-os-Montes, o porco por castrar, de cobrição, comunitário.

Aconteceria o mesmo em tempos castrejos? Assim parece, os grandes testículos atestam um culto da virilidade, fruto da esperança de varas de porcos prolíferas com o conseqüente aumento de bens alimentícios, de troca, de riqueza. Numa economia ainda escassa de bens, a importância do porco seria ímpar.

Contudo, o referido "pene descomunal" é perfeitamente inédito porquanto nunca apareceu esculpido em qualquer quadrúpede. Frei António referia-se, talvez, ao habitual foro peniano ou meato urinário, no ventre, que aqui seria mais saliente.

Este berrão, encontrado "in situ", entronizado em recinto circular, vem confirmar e emparelhar com os dados do berrão do Picote, levando a supor-se que os monumentos em honra do seu "deus", neste caso o porco, eram uma réplica das suas habitações, também circulares, na sua maioria, e dos tempos de início e apogeu da Cultura Castreja (quando com estruturas pétreas). Os recintos de ambos foram destruídos.

Os berrões, pertenceriam pois a uma época menos avançada da Cultura Castreja, na qual as casas são geralmente circulares, e não quadradas ou rectangulares, já da época de domínio romano (Almeida, 1965).

Terá, contudo, continuado o culto porcino após a romanização? O espólio romano do monumento do berrão do Picote, será disso uma prova, ou mero acaso?

Em face destes monumentos, pode-se concluir tratarem-se os berrões de "estátuas votivas, manifestação dum velho culto zoolátrico castrejo, no qual animais considerados sagrados eram adorados como deuses tutelares" (Júnior, 1981, 164). Culto esse, fortemente implantado nos Castros Transmontanos e regiões limítrofes espanholas, no caso, a Galiza.

Outros berrões têm aparecido relacionados com estruturas.

O berrão do Castro do Monte de Santa Luzia (BR 30), número vinte e um, por ordem de descobrimento, bastante mutilado e pequeno (0,63m de comprimento), estava em 1977, deitado dentro de uma casa rectangular "lajeada com tijoleiras" (Júnior, 1978 B, 338), com porta na parede maior (3mx2m), num canto. Esta casa estava geminada, mas sem comunicação, com outra redonda ou semi-circular, a "1,50 a 1,80 de profundidade".

Do espólio realce-se, na casa rectangular, três mós, "cerâmica de paredes finas, vermelha por dentro e preta por fora" (Júnior, 1978 B, 338). Na casa circular, dois pregos, uma espécie de "perna de grande compasso" (Júnior, 1978 B, 339), e uma asa de caldeirinha, isto em ferro. Apareceu também um pedaço de madeira.

O achado não foi acompanhado de escavação, o que traria respostas mais elucidativas.

Santos Júnior limita-se a realçar o facto de o berrão ter sido encontrado, digamos em "su sitio" (Júnior, 1978 B, 340). Parece-nos que esta casa rectangular nada tem de Castrejo ou até de romano, tal como o espólio. Aproveitou sim, como parede traseira, uma casa circular do Castro do Monte de Santa Luzia. A ser assim, o berrãozinho para ali foi trazido, mas com que intuítos, decorativos, ou o culto perdurou?

É certo que todo o relato dos achados, feito por Santos Júnior, é baseado no que o dono da vinha lhe descreveu. Estamos perante mais um enigma. Seria uma casa castreja tardia e o berrão justificaria a tese dos berrões votivos para um culto no lar, réplica de outros berrões maiores, colocados em locais públicos como os templos ou monumentos a ele dedicados, caso do Picote para o culto da comunidade?

Também no concelho de Freixo de Espada-à-Cinta, onde o Culto do Berrão foi extraordinariamente prolífero plenamente justificado pelos cerca de trinta fragmen-

tos ou completos berrões encontrados no Castro do Monte de Santa Luzia e zonas circundantes, apareceu na Quinta de Santiago um touro relacionado com estruturas.

Em 1935, o então proprietário da Quinta refere ter encontrado “juntamente com várias cantarias aparelhadas que deixavam supor ruínas de qualquer edifício, templo ou outro monumento” (Alves, 1938, 765), o touro de Ligares (BR 8). Estaria em um monumento a ele dedicado, comprovando o Culto Zoolátrico Castrejo, não só de porcos como de outras espécies, no caso, os bovinos?

Ao lado deste grupo de berrões que apareceram dentro, ou de algum modo relacionados com estruturas de monumentos ou outros edifícios, temos outro grupo, o daqueles provenientes de locais junto a sepulturas.

O berrãozinho desaparecido do Castro do Monte de Santa Luzia (BRD 55), apareceu junto de “muitas sepulturas” (Júnior, 1975, 55). Também em Freixo de Espada-à-Cinta, o referido touro de Ligares (BR 8), que apareceu junto a estruturas pétreas, levou o Abade de Baçal a interpretá-las com ruínas de uma ou várias sepulturas (Alves, 1938, 766).

Outro touro, que apareceu junto aos “restos de uma sepultura” foi o de Malhadas (BR 35), e estaria “na cortinha próximo da casa” (Alves, 1934, 546) onde actualmente se encontra, na empena do telhado.

Dos nove berrões encontrados na Vila de Sinos, concelho do Mogadouro, sete estavam junto a sepulturas.

Em 1931, no desaterro do adro da igreja desta aldeia, “apareceram várias sepulturas”. O berrãozinho (BR 40) estava “no extremo do lado nascente” de uma delas. Esta sepultura tinha dois metros de comprimento, cinquenta e cinco centímetros de largura na cabeceira, e trinta aos pés. Era constituída por lajes de granito e xisto, com tampa e contendo “ossos” (Júnior, 1975, 105-106).

A dois metros de distância deste, “mesmo aos pés da sepultura, marrando a sepultura” (Júnior, 1975, 106), estava o touro de Vila de Sinos (BR 41).

Também no adro desta igreja, em outra altura, apareceu nova sepultura e junto a “ela 4 ou 5 porcos de pedra pequerruchos”, que foram desfeitos (Júnior, 1975, 107), (BRD 67 e 68 a 71 ou 72).

Em face destes achados esporádicos, desacompanhados de qualquer análise de arqueólogo avalizado, sobre as estruturas fúnebres, espólio, e possível estratigrafia, não podemos tirar qualquer conclusão sobre a época a que pertenceram as sepulturas. Não obstante, é de realçar a associação destes berrões a sepulturas, o que sem dúvida o foram em uma qualquer época.

Será que a tese de estátuas zoomorfas fúnebres ou de qualquer modo ligadas ao cultos dos mortos está ou pode ser completamente posta de lado, ou subsiste, pelo menos no caso de alguns berrões?

## O Culto

As múltiplas esculturas de animais, os berrões, cabeças de ofídeos, soleiras zoomorfas e prisões de gado e ainda algumas gravuras rupestres de cervídeos, cenas

de caça, sugerem-nos uma arreigada zoolatria, de que o monumento ao berrão do Picote (BR 36) é a prova mais avalizada.

Este culto exprime-se de várias formas, mas mais intensamente sobre a forma de porco, nos designados berrões, mas outros animais foram alvo de idolatria.

Tal como nos guerreiros galaicos, a sua função primordial seria a de divindades protectoras das comunidades Castrejas, aplicadas aos diversos anseios e necessidades, a protecção na guerra, nos primeiros, da casa e seus habitantes, nos dois e dos pastos e rebanhos, no caso dos segundos.

O culto dos berrões, estaria ligado também à fertilidade, como já vimos. Teria todavia, duas variantes: um culto do macho, da virilidade, pela representação volumosa dos órgãos sexuais do porco, e; o feminino, da porca. Cultos concorrentes, como desejo de maior fertilidade, numa economia em que o suíno tinha papel essencial, como ainda hoje, na mesma região transmontana.

O culto do porco, bem testemunhado pelas inúmeras estátuas o que mostra a sua importância, aumentada pela existência de monumentos em que era entronizado, onde haviam rituais mágico-religiosos com possível oferta de oferendas, como comprova, o já bem referenciado, monumento ao berrão do Picote. Este culto era fruto de um reconhecimento e duma gratidão pelos benefícios e proventos gratuitos.

As estátuas de berrõezinhos, seriam réplicas do deus tutelar, ex-votos para culto doméstico, como talvez indique o pequeno berrão encontrado em habitação (BR 30), no Castro do Monte de Santa Luzia, Freixo de Espada-à-Cinta.

Este tipo de zoolatria não teria, ao que parece, características de totemismo, pois é rígido tabú comer a carne do animal personificado no tótem, e tudo nos indica, inclusivamente os restos osteológicos do monumento do Picote (Júnior, 1975, 162), que este era prato predilecto.

Algumas inscrições atestam este "cultus porcinus".

A Fraga das Ferraduras, em Linhares, local de proveniência do berrão de mármore (?), actualmente desaparecido (BRD 52), está coberta de gravuras rupestres, entre elas, alguns sinais alfabéticos que foram considerados, como escrita arcaica retrógrada, em que se pode ler o nome de porco em dialecto colo-dórico. Teríamos aqui um local "consagrado com afluência de crentes para o culto do porco" (Júnior/Azevedo, 1906, 12).

A inscrição existente no dorso do berrão de Paredes da Beira (Ferreira, 1985), Viseu (BR 83), em alfabeto grego, refere-se aos atributos do animal e das gentes dos Castros: nobre, altivo, glorioso (Azevedo, 1982, 323). De realçar ainda o facto de este berrão ser o único que apresenta uma inscrição, na área Castreja Portuguesa.

Por último, refira-se a existência duma pequena lápide (M.M.B.) (altura e largura: 0,18m), do Castro de Santa Luzia (Júnior, 1983), com uma inscrição que Santos Júnior lê como "SACCO" (Júnior, 1975, 56). Contudo, o americano Barry Fell, pensa ser uma inscrição na antiga língua basca, e dedicada aos monstros subterrâneos "Laminak" que, de algum modo, se relacionava com o culto dos berrões (Fell, 1982).

Outros animais objecto de zoolatria seriam o touro e o javali, muito provavelmente com um culto semelhante ao do porco.

## As Estátuas de Berrão: Cronologia e Etnologia

Todo o espólio arqueológico é extraordinariamente difícil de datar e a precisão quase impossível, apesar dos modernos métodos de datação.

No caso específico dos berrões, torna-se ainda mais custoso, pois só um, como já referimos várias vezes, o grande berrão do Picote (BR 36) foi encontrado "in situ". Contudo, a escavação feita não pôde ou não permitiu conclusões espaço-temporais precisas, pois o berrão já tinha sido retirado, parte do monumento destruído com o consequente remeximento de camadas e a perda de uma possível leitura estratigráfica que seria de incalculável interesse.

Quanto aos outros 99%, alguns apareceram em Castros, o que permite atribuí-lhes uma época, a Proto-Histórica e uma cultura, a Castreja. Não obstante, esta tem inícios cerca do séc. VII-VI a. C. e termina já pós-romanização. Num espaço tão longo é difícil saber qual o momento em que "nasce" esta cultura e qual a etnia que elaborou estas "divindades" de pedra, feitas para durar.

Vejamos a opinião dos Arqueólogos ao longo dos anos.

J. Leite de Vasconcelos aponta-os como contemporâneos das estátuas de guerreiros galaicos e que "provém dos tempos pré-romanos", assemelhando-se a outros monumentos Proto-Históricos, até porque alguns apareceram em Castros ou perto deles (Vasconcelos, 1913, 6).

As inscrições latinas não implicam, segundo este autor, a origem romana das estátuas. Um dos "toros de Guisando" tem inscrição latina atribuível ao "século I da nossa era", contudo, o "ídolo de Miqueldi" tem inscrição com "caracteres ibéricos", tal como o touro de Ligares (BR 8). As poucas inscrições ibéricas dever-se-iam ao escasso uso da escrita na zona da Cultura dos berrões (Vasconcelos, 1913, 42).

Em relação às "tribus" que os fizeram e os veneravam, em face da sua distribuição geográfica: no Norte, aponta para a região de Moncorvo os "Seurri"; para a de Bragança, os Zoelae e "aos Grovii, que nos começos da era christã, se estendiam do Douro para cima" abrangendo assim os de Sabroso (Vasconcelos, 1913, 43).

Gomez Moreno aponta, como povo escultor de berrões, "um povo ligur, situado entre os celtas galaicos e os celtiberos, cuja área (...) se estende desde o Cantábrico até um pouco ao sul do Tejo" — (Moreno, 1925, 475) — zona essa que se identifica com a da Cultura dos Berrões. Algumas estátuas seriam provenientes da "zona ocupada pelos celtas" com inscrições da República e do séc. I "do Império" (Idem, *ibidem*).

J. Ramon Fernandez Oxea também defende a origem Céltica dos berrões. Afirma: "hubo um pobo celta que dejó (...) una abundante serie de representaciones de piedra (...) de ciertos cuadrupedes con aspecto de toros, cerdos, javalis, etc....", na Península (Oxea, 1950, 77). Como vimos, da mesma opinião é Alain Tranoy (Tranoy, 1981, 122).

Ainda Guilherme Felgueiras defende a celticidade dos berrões. Afirma: "entre os documentos arqueológicos que assinalam a presença dos Celtas no nosso território figuram os "berrões" de pedra..." (Felgueiras, 1985, 64).

De um modo geral, os arqueólogos consideram a Cultura dos Berrões como Castreja, desenvolvendo-se especialmente desde o século VI a.C. até à Romanização. No entanto, tomaram o século VI a.C. como o início desta Cultura dos Berrões por

considerarem os Celtas introdutores do porco domesticado na Península, e ser esta a altura da grande invasão céltica peninsular. Lembre-se que o porco era animal sagrado para as tribos célticas que adoptaram mesmo designações tribais com origem no porco: Cerritanos, e, Surdaones, adoptando-o como insígnia.

Santos Júnior concorda que esta Cultura é “essencialmente castreja”, mas “uma grande parte dos castros do noroeste peninsular, com os de Trás-os-Montes inclusos, deviam ser muito anteriores à penetração dos celtas na Península”, note-se que é nestes castros transmontanos que apareceram grande parte dos berrões (Júnior, 1975, 158).

Para defender a pré-celticidade dos berrões, Santos Júnior recorre às fontes clássicas, vejamos Avieno.

Avieno, no poema “Ora Marítima”, aponta-nos a grande invasão Céltica para o séc. VI a. C., e localiza-nos as populações autóctones. Teríamos: na costa ocidental, a Norte do Tejo, os Sefes; mais para o interior, os “pernix lusis”, que não podem senão interpretar-se como sendo o grupo lusitano” (Júnior, 1975, 159); a Norte dos Lusitanos, os Draganos, povo também pré-céltico habitando na região de Trás-os-Montes.

Bosch-Gimpera concorda com a interpretação que, de Avieno, faz Santos Júnior. Acrescenta que os Zoelae, ramo astur dos Draganos, eram habitantes de região mais ao Norte em Castro de Avelãs e Bragança (Gimpera, 1934, 61).

Nesta região, habitaram as tribos célticas dos “luanci, turodi, equaesii, e caelerini”, mas devido aos Draganos subsistirem nas regiões mais interiores e montanhosas, de difícil acesso, ter-se-iam mantido afastados, pelo menos, de forte influência céltica. Ideias defendidas por Gimpera e Santos Júnior.

Conclui Santos Júnior: “os berrões de Trás-os-Montes” seriam “pré-célticos e, possivelmente, devidos a estatuários draganos, ou mesmo a seus antecessores” (Júnior, 1975, 160), hipótese que confirma mais tarde (Júnior, 1985, 39-40).

Houve pois, uma Cultura dos Berrões que coincide com a época da Cultura Castreja, como defende a grande maioria dos arqueólogos, inclusivamente Armando Coelho, que se teria iniciado no século VII ou VI a. C., e perduraria até ao séc. I d. C.. Quanto à Pré-Celticidade desta Cultura dos Berrões é um problema que permanece em aberto e, quer se aceite uma tese ou outra, o certo é que, apesar de aparecerem em locais tão distantes como o Castro do Monte de Santa Luzia ou o Castro de Sabroso, ou ainda Paredes da Beira, em Viseu, correspondendo a diversas tribos, havia nesta Cultura Castreja dos Berrões um sentimento comum, “um ar de família”, tal como nos Guerreiros Galaicos, manifestado na evidente semelhança do grande número de estátuas de pedra de quadrúpedes.

### Considerações Finais

Este trabalho, como em tempos referimos (Silva<sup>2</sup>, 1986, 31-32), é parte integrante do Seminário de Arqueologia — ARTE CASTREJA, EM PEDRA. Elaborado este em 1986, embora aqui apresentado com profusas alterações, que as circunstâncias e o evoluir dos conhecimentos cercaram.

Foi assim para nós algo árduo tornar inteligível a parte, este artigo, amputada do todo, o referido Seminário. Problema este que se pode extrapolar (ironias do destino) para o tema em si, ou seja, não se pode compreender integralmente esta "Cultura dos Berrões" fora do seu todo, a Cultura Castreja.

Enquanto não se fizer um estudo, sistemático, acompanhado de rigorosas escavações destas esculturas, quiza integradas em monumento, "in situ", não se podem tirar conclusões mais lúcidas do que as aturadas achegas que aqui se referiram, já elas fruto do estudo de muitos investigadores, mas muitas delas sem quaisquer bases científicas. Não obstante, este é a nosso ver o ponto da situação.

Desde já um contributo, e quem sabe um despertar para proficientes investigações em campo.

#### BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, 1965 — Almeida, Carlos Alberto Ferreira de, *O Problema das Casas Redondas Castrejas*, Separata da revista "Lucerna", vol. IV, Porto, 1965.
- ALMEIDA, 1981 — Idem, *Nova estátua de guerreiro galaico-minhoto (Refojos de Basto)*, in "Arqueologia", G.E.A.P., N.º 3, Porto, Junho-1981, pp. 111-116.
- ALVES, 1934 — Alves, Francisco Manuel, *Memórias Arqueológico-Históricas do distrito de Bragança, Etnologia e Arte*, Tomo IX, Bragança, 1934.
- ALVES, 1938 — Idem, *ibidem*, Tomo X, Bragança, 1938.
- AZEVEDO, 1982 — Azevedo, Rogério de, *O porco na zoolatria Ibérica*, in "Trabalhos de Antropologia e Etnologia", vol. 24 (2), Porto, 1982, pp. 321-329.
- CUEVILLAS, 1980 — Cuevillas, F. Lopez, *Prehistoria*, in "Historia de Galiza", vol. III, Madrid, 1980.
- ESTRABÃO — Estrabão, *Livro III Da "Geografia"*, col. "Amphitheatrum", vol. IX, Porto, 1965.
- FELGUEIRAS, 1985 — Felgueiras, Guilherme, *Rotineirismo da suinicultura popular (resenha histórica, arqueológica e etnográfica)*, in "T.A.E.", 25 (1), Porto, 1985, pp. 63-94.
- FELL, 1982 — Fell, Barry, *Bronze Age of America*, Ed. Little Brown and Company, Boston-Toronto, 1982.
- FERNANDES, 1985 — Fernandes, João Luis Teixeira, *Murça - História, Gentes, Tradições* -, Câmara Municipal, Murça, 1985, pp. 107-119.
- FERNANDEZ, 1959 — Fernandez, Jose Ramon, *Nuevos Verracos Toledanos*, in "Actas do V Congresso Arqueológico Nacional, Zaragoza, 1959.
- FERREIRA, 1985 — Ferreira, Agostinho Campos, e Ferreira, M. Clara Figueiredo C., *O "porco de pedra" de Paredes da Beira (Berrão proto-histórico)*, in "T.A.E.", 23 (2-3), Porto, 1978, pp. 340-345, il.
- GIMPERA, 1934 — Gimpera, Pedro Bosch, *Los Celtas en Portugal y sus caminos*, in "Homenagem a Martins Sarmento", Porto, 1934, pp. 54-72.
- GUERRA, 1862 — Guerra, Aureliano Fernandes, *Discursos leídos ante la Real Academia de la Historia*, Madrid, 1862.
- GUILLÈN, 1888 — Guillèn, Vicente Paredes y, *História de los Framontanos Celtiberos desde los mas remotos tiempos hasta nuestros dias*, Plasencia, 1888.
- HÜBNER, 1863 — Hübner, Emille, *Zs. fur allegemeine Erdkunde*, vol. XIV, 1863, pp. 341-343.
- HÜBNER, 1888 — Idem, *L'Arqueologie en Espanã y Portugal*, 1888, pp. 254-256.
- JÚNIOR, 1975 — Júnior, J. Rodrigues dos Santos, *Berrões Proto-Históricos no Nordeste de Portugal*, Direcção Geral dos Assuntos Culturais, Lisboa, 1975, il.
- JÚNIOR, 1977 — Idem, *Novos elementos da remota zoolatria em Trás-os-Montes*, in "T.A.E.", 23 (1), Porto, 1977, pp. 5-18, il.
- JÚNIOR, 1978 A — Idem, *Cabeça-troféu do Museu Municipal de Chaves*, in "T.A.E.", 23 (2-3), 1978, Porto, pp. 352-356, il.

- JÚNIOR, 1978 B — Idem, *Mais um berrão na zona do Castro do Monte de Santa Luzia (Freixo de Espada-à-Cinta)*, 23 (2-3), Porto, 1978, il.
- JÚNIOR, 1981 A — Idem, *Notável berrão proto-histórico aparecido algures na Galiza*, in "T.A.E.", 24 (1), Porto, 1981, pp. 159-164.
- JÚNIOR, 1981 B — Idem, *Mais três berrões proto-históricos de Freixo de Espada-à-Cinta*, in "T.A.E.", 24 (1), Porto, 1981, pp. 101-120, il.
- JÚNIOR, 1981 C — Idem, *Um perdido berrão transmontano assinalado por um grande arqueólogo*, in "T.A.E.", 24 (1), Porto, 1981, pp. 156-159.
- JÚNIOR, 1983 — Idem, *A remota zoolatria e a lápide do Castro do Monte de St.ª Luzia (Freixo de Espada-à-Cinta)*, in "T.A.E.", 24 (3), Porto, 1983, pp. 526-533.
- JÚNIOR, 1984 — Idem, *Dois testemunhos, um galego e outro transmontano, da remota zoolatria*, in "T.A.E.", 24 (4), Porto, 1984, pp. 689-693.
- JÚNIOR, 1985 — Idem, *A Cultura dos berrões proto-históricos fundamente radicada em Trás-os-Montes*, in "T.A.E.", 25 (1), Porto, 1985, pp. 31-40.
- JÚNIOR/AZEVEDO, 1906 — Idem, Azevedo, Rogério de, *Gravuras Rupestres de Linhares — Ensaio interpretativo*, Separata de "T.A.E.", 18 (1-2), Porto, 1906.
- MARQUES, 1986 — Marques, José Augusto T. Maia, *Materiais para a Arqueologia do Concelho de Melgaço*, in "Revista de Ciências Históricas", Universidade Portucalense, vol. I, Porto, 1986, pp. 341-346, il.
- MORAN, 1934 — Moran, César, *Salamanca el la Prehistoria*, in "Homenagem a Martins Sarmiento", Porto, 1934, pp. 257-260.
- MORAN, 1942 — Idem, *Toros y verracos de La Edad del Hierro*, in "Archivos Espanoles de Arqueologia", T. XV, 1942.
- MORENO, 1904 — Moreno, Gomez, *Sobre arqueologia primitiva de la region del Duero*, B.A.H., T. XLV, 1904.
- MORENO, 1925 — Idem, *Sobre los Iberos y su lengua*, in "Homenaje a Menendez Pidal", Madrid, 1925.
- NEIVA/COUTINHO, 1982 — Neiva, Manuel Albino Penteadó, e Coutinho, Manuel Alves, *Estátua zoomórfica de Gemeses-Esposende. Um touro proto-histórico*, in "Boletim Cultural de Esposende", N.º 1, Junho, Esposende, 1982, pp. 51-61.
- OXEA, 1950 — Oxea, José Ramon Fernandez, *Nuevas esculturas zoomórficas en Extremadura*, Sep. "Ampurias", vol. XII, Barcelona, 1950.
- PARIS, 1903 — Paris, Pierre, *Éssai sur l'art et l'industrie del'Espagne primitive, et du Portugal primitif*, T. I., Paris, 1903.
- PINHO, 1934 — Pinho, José de, *Considerações sobre a religiosidade dos citanienses de Briteiros e Sabroso*, in "Homenagem a Martins Sarmiento", Porto, 1934.
- RODRIGUES, 1958 — Rodrigues, Adriano Vasco, *O Culto da ganadaria a sul do Douro Português*, Sep. Revista de Guimarães, Vol. LXVIII, Guimarães, 1958, p. 1-4, il.
- RODRIGUES, 1961 — Idem, *Arqueologia da Península Hispânica. Do Paleolítico à Romanização*, Porto Editora, Porto, 1961, p. 487.
- SARMENTO, 1878-1933 — Sarmiento, Francisco Martins, *Acerca das escavações de Sabroso (estudo)*, in "Renascença", Porto, 1878; recolhido in "Dispersos", Imprensa da Universidade, Coimbra, 1933, pp. 23-25.
- SILVA, 1981-82 — Silva, Armando Coelho Ferreira da, *Novos dados sobre a organização social Castreja*, in "Portugália", Nova série, vol. II-III, F.L.U.P., Porto, 1981-82, pp. 83-96.
- SILVA, 1983 — Idem, *A Idade dos Metais em Portugal*, in "História de Portugal", Publicações Alfa, Lisboa, 1983, pp. 101-147, il.
- SILVA, 1986 — Idem, *A Cultura Castreja no Nordeste de Portugal*, Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira, 1986, il.
- SILVA<sup>2</sup>, 1986 — Silva, Maria de Fátima Matos da, *Subsídios para o estudo da Arte Castreja — Arte Decorativa Arquitetónica*, in "Revista de Ciências Históricas", Universidade Portucalense, vol. I, Porto, 1986, pp. 31-68, il.
- SILVA<sup>2</sup>, 1987 — Idem, *ibidem*, vol. II, Porto, pp. 121-147, il.
- SIRET, s/d — Siret, Louis, *Les premières ages du metal*, Paris, s/d.
- TRANOY, 1981 — Tranoy, Alain, *La Galice Romaine. Recherches sur le Nord-Ouest de la Péninsule Ibérique dans l'Antiquité*, Paris, 1981 (Publications du Centre Pierre Paris, 7).





- VASCONCELOS, 1896 — Vasconcelos, José Leite de, *Divindades tutelares e guardas dos tumulos*, in "Archeologo Português", vol. II, Lisboa, 1896.
- VASCONCELOS, 1905 — Idem, *Religiões da Lusitânia*, vol. II, Lisboa, 1905.
- VASCONCELOS, 1913 — Idem, *ibidem*, vol. III, Lisboa, 1913.
- VASCONCELOS, 1933 — Idem, *Castros Lusitanos*, in "Archeólogo Português", vol. XXIX, Lisboa, 1933.